

Homossocialidade: da identidade às identificações

Michel Maffesoli

Professor da Sorbonne - Universidade de Paris V
Diretor do Centre d'Études sur l' Actuel et le Quotidien

Traduzido do francês por Maria de Lourdes de Medeiros
Mestre em Ciências Sociais pela UFRN
Revisão da tradução por Alípio de Sousa Filho
Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN

Resumo

O artigo trata da profunda metamorfose do vínculo social, caracterizada pela saturação da *identidade* e do individualismo epistemológico que lhe exprime, o tribalismo pós-moderno tornando-se sua realidade incontornável. Uma das expressões dessa saturação do individualismo e da identidade é a homossocialidade “gradual”, envolvente, nas efervescências múltiplas, na criatividade publicitária, na erotização galopante, no retorno à natureza, no ecologismo ambiente. A homossocialidade traz de volta, empiricamente, a importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial a toda vida social. No fundo, trata-se da revanche do “dionisíaco”, do envolvimento *erótico* da vida social, do importante reajuste com a “proxemia” cotidiana, na qual as homossexualidades constituem uma declaração de guerra aos individualismos e substancialismos que marcaram o Ocidente.

Palavras-chave: homossociabilidade; homossexualidade; tribalismo pós-moderno; dionisíaco.

Abstract

This article is about the deep metamorphosis of social bonds, which is characterised by the saturation of identity and by the epistemological individualism, being the post-modern tribalism its reality. One of the expressions of this saturation of individualism and identity is the gradual “homosociability” which is present in the multiplicity, in the publicity creativity, in the increasing eroticism, in the return to nature, and in the ecology. The homosociability brings back, empirically, the importance of the feeling of belonging. Belonging to a place or to a group as an essential basis for the social life. To sum up this is all about the revenge of the “dionisiac”, the eroticism involved in social life, and the changes in the “proxemia” quotidian in which homosexuality means a war declaration to all individualisms and essentialism that have characterized the Western world.

Keywords: homosociability; homosexuality; post-modern tribalism; dionisiac.

Vivemos uma profunda metamorfose do vínculo social, caracterizada pela saturação da *identidade* e do individualismo epistemológico que lhe é expressão. A realidade do tribalismo

está aí, ofuscante, para o bem e para o mal. Realidade incontornável, não limitada a uma área geográfica particular e que ainda não foi devidamente considerada, donde a premência de pensá-la.

O tribalismo, em todos os domínios, será o valor dominante nos decênios que virão. Daí a necessidade, para fazer uso de uma expressão de Durkheim, de destrinchar suas “características essenciais”. Permaneço o mais fiel à sua etimologia: aquilo que ameaça deixar uma marca durável.

Existe aqui, reconheço, um verdadeiro paradoxo: indicar uma direção segura com as palavras, sem dispor, absolutamente, da certeza do conceito. Talvez seja necessário saber aceitar, e viver, esse paradoxo. Mais do que a repetição enfadonha, o encantamento em reproduzir uma espécie de litania, eternamente, as palavras mestras do século XIX, é preciso saber se contentar com as metáforas, as analogias, as imagens, todas as coisas vaporosas que serão os meios menos perniciosos possíveis para o social. Para evitar que me repita – conquanto a redundância seja inerente ao mito, e as “idéias obsessivas” o sejam às obras criativas –, sintetizarei as “palavras” novas através de dois grandes eixos essenciais: por um lado, acentuando os aspectos simultaneamente “arcaicos” e juvenis da homosocialidade; por outro, sublinhando sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de Indivíduo e da lógica da identidade. Eis aí as duas *raízes* do tribalismo pós-moderno. Eis aí, portanto, o que deve levar em conta um pensamento *radical*.

Como Henri Bergson já o indicou, há sempre uma intuição na base de todo pensamento criativo. Este pode, de resto, ser considerado como tal se é congruente com a intuição criadora de uma época determinada. Refiro-me à intuição como essa “visão interna” que observa, de um ângulo mais próximo, a energia própria a um indivíduo, a uma situação ou a uma dada totalidade social. De minha parte, a intuição que me incitou em todas as minhas análises diz respeito à *potência societal* (MAFFESOLI, 1999; 2000). Eu a chamei de socialidade, centralidade subterrânea, pouco importa o termo. O importante era dar atenção a essa “força” interna, precedente e fundante do poder em suas diversas formas. Parece-me ser ela que opera na homossexualidade contemporânea e nas múltiplas identificações que, inadvertidamente, estimula. Depois da dominação do “princípio do *logos*”, aquele da razão mecânica e previsível, de uma razão instrumental e estritamente utilitária, assistimos ao retorno do “princípio de *eros*”. Eterno combate entre Apolo e Dionísio!

Mas são esses valores nativos que estão, certamente, na origem das rebeliões da fantasia, das efervescências multiformes, da profusão de sentidos, cujas múltiplas agitações contemporâneas dão as ilustrações gritantes. Tudo isto não pode ser pensado com um espírito gravemente convicto de seus preconceitos e da veracidade de seu ponto de vista. Não se pode compreender o aspecto *nativo* da androginia senão partindo-se das “coisas mesmas”. Desde então, segundo uma postura fenomenológica, da qual o pensamento de Heidegger nos oferece vários exemplos, a verdade reside no desvelamento do que já está aí.

Sempre indiquei que se poderia caracterizar a pós-modernidade pelo retorno exacerbado do arcaísmo (*arché* – considerado aqui como o fundamental). Certamente, é o que choca a maior parte da sensibilidade progressista dos observadores sociais. Ao Progresso linear e seguro, causa e efeito de um evidente bem-estar social, está sucedendo-se um tipo de “volta” característica do “tempo das tribos”. Novamente, é preciso encontrar a palavra oportuna para descrever um estado de coisas não apenas regressivo. Pode-se falar, nessa perspectiva, de “envoltamento”, retorno em espiral de valores arcaicos, conjugados com o desenvolvimento tecnológico (CASALEGNO, 2000). Proponho, atualmente, um outro termo: “*ingrés*”¹ que, à imagem do que se encontra em certas línguas românicas (espanhol, italiano e português), enfatiza a possibilidade de existir um caminho sem meta, um movimento não finalizado. Entrar (*in-gressa*) sem progredir (*pro-gressa*²): caminhar sem avançar. Eis aí o que parece estar em jogo para nossas tribos contemporâneas. Elas não têm um objetivo a alcançar, um projeto, seja econômico, político ou social, a realizar. Preferem “ingressar” no prazer de estar junto, “ingressar” na intensidade do momento, “ingressar” no gozo do mundo tal como ele é.

Pode-se, aqui, fazer referência ao pensamento “progressivo” que procede “gradualmente”, não excluindo, mas incluindo os estratos de nossa natureza humana.

Assim como tenho apontado freqüentemente, pode-se encontrar essa homossocialidade “gradual”, envolvente, nas efervescências múltiplas, na criatividade publicitária, na erotização galopante, no retorno à natureza, no ecologismo ambiente, na exacerbação do pêlo, da pele, dos humores e dos odores, enfim, em tudo aquilo que lembra a animalidade no humano. “Enselvajamento” da vida! Eis aí o paradoxo essencial da pós-modernidade, trazendo à tona as origens, a fonte, o primitivo e o bárbaro. Destarte, redinamizando, de uma maneira nem sempre

¹ Próximo ao substantivo latino *ingrēssus*, -ūs – entrada, ingresso, acesso (N. da T.).

² Próximo ao substantivo latino *prōgrēssus*, -ūs – ação de avançar, de marchar para a frente (N. da T.).

consciente, um corpo social bastante envelhecido, a fidelidade às origens garante advir. Nesse sentido, o tribalismo emerge como a expressão de um *enraizamento dinâmico*.

União entre o arcaico e a vitalidade homossexual: esse é o primeiro paradoxo da pós-modernidade. Ainda que indique apenas alusivamente, reencontramos, aqui, o mito da “*puer aeternus*”³. A eterna criança, o velho infantilizado com o qual se deparam certas culturas, não são dotados de identidade precisa, mas jogam com múltiplas identificações. Chamo mito, ou ainda figura emblemática, àquilo que na juventude ultrapassa o problema estrito do estado civil. Certo, as novas gerações vivem de maneira paroxista os valores feminilizantes. Contudo, por um processo de contaminação, parece ser todo o corpo social que se encontra preocupado.

Alguns críticos consideraram o tribalismo de conotação homossexual – que não se pode mais contestar empiricamente – como o traço de uma faixa de idade, de uma androginia prolongada. De meu ponto de vista, trata-se de mais uma tentativa de negar a profunda transformação paradigmática que se anuncia. A importância dos sentidos, do cosmético, os cuidados com o corpo, as “histerias” sociais são largamente compartilhadas. Toda pessoa, seja qual for sua idade, classe ou status, é, mais ou menos, contaminada pela figura do “arcaísmo” feminino. Em uma palavra, parece-me que à estrutura patriarcal, vertical, encontra-se sucedendo uma estrutura *horizontal*, feminina. A cultura heróica, própria ao modelo judaico-cristão e, posteriormente, ao moderno, repousava sobre uma concepção de indivíduo ativo, “senhor de si”, dominando-se e dominando a natureza. O adulto moderno é a expressão acabada desse heroísmo. Nele, Gilbert Durand contemplou o velho “arquetipo cultural constitutivo do Ocidente” (SUN e DURAND, 2000, p. 69; PESSIN, 2000, p. 255).

Faz-se necessário, mais uma vez, encontrar a palavra adequada para designar a homossocialidade não-ativa do vínculo social em gestação: vitalidade ora lúdica ora anômica. Para retomar uma expressão de Guy Debord, essa “prodigiosa inatividade”, deveras ameaçadora à ordem estabelecida, concernia senão a alguns grupos vanguardistas, boêmios, marginais ou excluídos voluntariamente. Não é mais o caso. Toda ocasião parece propícia para viver em grupo essa perda de si no outro, esse orgíaco do qual a ambigüidade sexual de Dionísio e as bacanais por ele inspiradas constituem os exemplos acabados.

³ Cit. do latim – “eterna criança” (N. da T.).

Evocando a *Tour de France*⁴ e suas montanhas, pôde-se falar de um “retorno à infância”. A expressão parece criteriosa e caracteriza bem, em geral, o imaginário dessa competição esportiva com o que ela, de maneira mais ou menos barroca, carrega em fantasias, sonhos, na alegria do estar-junto e no ludismo compartilhado. Cabe aplicar, todavia, um tal “retorno” ao ajuntamento das agitações orgiásticas contemporâneas. Estas exprimem, de coração pleno, o prazer da horizontalidade, o sentimento de fraternidade e a nostalgia de uma fusão pré-individual.

Vejo aqui os “virtuístas”, de todos os tipos, soltando seus gritos de águia. Vejo os psicanalistas, de todas as tendências, invocarem a “lei do pai”. Eles talvez não estejam errados. A homossexualidade é de algum modo *amoral*. Ela é, às vezes, categoricamente *imoral*, embora tal imoralidade possa ser *ética* naquilo que integra fortemente os diversos protagonistas dessas agitações. O retorno à origem, ao ventre, não se mostra apenas como individual, pois produz cultura e induz a um encontro com a alteridade, com o *outro* que é o próximo, com o *outro* que é a natureza. Encontro não mais heróico, mas adaptando-se ao que a alteridade é e pelo que ela é. Existe na “feminilidade” uma tolerância, uma generosidade incontestável, extraindo sua força dessa memória imemorial da humanidade que “sabe”, por um saber incorporado (ainda o corpo!), que, para além das convicções, dos projetos de toda ordem, das metas mais ou menos impostas, existe a vida e sua inesgotável riqueza, a vida sem finalidade nem emprego, a *vida sem mais*.

Em suma, a essência do judaico-cristianismo consiste na formidável tensão em torno da “Cidade de Deus”, seja esta o paraíso *stricto sensu* ou a sociedade perfeita, não faz diferença. Esta tensão religiosa e/ou moralístico-política necessitava, como ator, de um adulto forte e racional. É precisamente esse arquétipo que o neotribalismo de caráter homossexual põe em dificuldades. Seu ator constitui, pois, o arquétipo andrógino que, em seus atos e em sua maneira de agir, salienta o sentir, a encenação do corpo, reafirmando, antes de mais nada, a fidelidade ao que é.

Que não haja engano, tal fidelidade não significa, em nada, uma aceitação do *status quo* político, econômico ou social. Longe disso! Pode-se estabelecer uma relação estrutural entre Dionísio, o tribalismo e as bacanais homossexuais: tudo como coisas anômicas, acentuando o aspecto pagão, lúdico, desordenado da existência. Assim, é no interior das sociedades excessivamente racionalizadoras, sociedades higienizadas, sociedades dedicadas a banir toda

⁴ Trata-se do Circuito da França, uma grande corrida de ciclismo disputada anualmente (N. da T.).

ameaça, qualquer que seja, é no interior dessas sociedades que a barbárie retorna. É esse igualmente o sentido da homossocialidade.

De resto, por pouco que se saiba compreendê-lo em profundidade, o *retorno da vida* e sua conotação bastante “selvagem”, natural, não parece uma coisa nociva. Lembremo-nos de Le Play: “*as sociedades perfeitas permanecem incessantemente sujeitas a uma invasão de pequenos bárbaros que devolvem sem descanso os instintos perversos da natureza humana*”. Deixemos de lado a qualificação moral, ela não apresenta nenhum interesse. Pelo contrário, o fenômeno se mostra recorrente na medida em que traz de volta, regularmente, as forças vivas ao seio mesmo do que persiste por demais institucionalizado. Os “pequenos bárbaros” de Le Play ou as “pequenas hordas” de Charles Fourier não existem sem revigorar as bacanais em questão. Lembram-nos, com pertinência, que um lugar onde o preço de não se morrer de fome é morrer de tédio não merece o nome de “cidade” (TACUSSEL, 2000; MAFFESOLI, 1991).

Face à anemia existencial suscitada por um corpo social demasiado racionalizado, patriarcal, a cultura homossexual destaca a urgência de uma socialidade empática: uma partilha de emoções e afetos. Recordo que o “comércio”, fundamento de todo estar-junto, não consiste simplesmente na troca de bens, mas também no “comércio de idéias”, no “comércio amoroso”. Traduzindo em termos mais antropológicos, ele indica o momento onde se observa um deslizamento importante: a passagem da “Pólis” à “Thiase”⁵, de uma ordem política a outra fusional, *matricial*. É essa passagem que caracteriza o que chamei de “tempo das tribos” (MAFFESOLI, 2000), marcando a saturação da lógica da identidade. Estamos longe do *universalismo* moderno, aquele das Luzes e do Ocidente triunfante. Universalismo que não era mais do que um etnocentrismo particular generalizado: os valores de um pequeno cantão do mundo extrapolando-se como modelo válido para todos. A homossocialidade traz de volta, empiricamente, a importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social.

No fundo, trata-se da revanche do “dionisíaco”, do envolvimento *erótico* da vida social, do importante reajuste com a “proxemia cotidiana”: é tudo isso que está em jogo no mito do andrógino. Ao imperativo categórico kantiano - imperativo moral, ativo e racional - sucede, para retomar uma expressão de Ortega y Gasset, um “imperativo atmosférico”, compreendido como

⁵ Do latim: *thiasus* - *i*, - dança ou cortejo em honra a Baco (N. da T.).

um ambiente estético onde só tem importância a dimensão transindividual, coletiva, até mesmo cósmica, orgiástica.

Trata-se da saturação do sujeito e, ao mesmo tempo, da subjetividade de massa, o que chamei de “narcisismo de grupo” e outras formas de “urgrund”⁶ coletivo, isto é, o que se encontra no fundo, poderíamos dizer nos fundos, de todo estar-junto: o que lhe serve de suporte e constitui seu capital de base.

Eis aí o ponto nodal filosófico da homossocialidade. É preciso tê-lo no espírito, pois suas conseqüências sociais são ainda insuspeitas. Para remeter a uma análise de Gilbert Simondon, diria que está em jogo o “*MAIS-QUE-UM*”, fazendo com que todos participem de algo pré-individual. O mundo e o indivíduo não podem mais, desde então, ser pensados a partir da “*reductio ad unum*”⁷, equacionada em “A”. Auguste Comte delineou o esquema que, “*volens nolens*”⁸, permanece na base dos diversos esquemas sociológicos que lhe sucederam. É preciso recobrar o mecanismo de *participação* mágica: com os outros (tribalismo), com o mundo (magia), com a natureza (ecologia). Em cada um desses casos, não se trata mais de um confinamento na fortaleza do espírito, de uma identidade (sexual, ideológica, profissional) intangível, mas, contrariamente, de uma perda de si, do gasto e outros processos de desgaste, acentuando a abertura, o dinamismo, a alteridade, a sede de infinito (MAFFESOLI, 1997). Dimensão aberta a uma pluralidade de ser.

A homossexualidade constitui, mais profundamente, uma declaração de guerra ao esquema substancialista que marcou o Ocidente: o Ser, Deus, O Estado, as Instituições, o Indivíduo – poderíamos prosseguir, à vontade, com uma lista de *substâncias* servindo de fundamento a todas as análises dominantes. Que queiramos ou não, que sejamos ou não conscientes, a ONTOLOGIA é o ponto de partida dessas análises. Em resumo, só o que é duradouro, estável, consistente, merece atenção. O INDIVÍDUO é seu último avatar. Ele é o Deus-Pai moderno, e a IDENTIDADE, seu modo de expressão.

Contudo, outras culturas não repousam sobre tais fundamentos. Elas passaram pelo oriente, o oriente passou por elas – não se trata de mero trocadilho. A orientalização difusa contamina nossa vida cotidiana (LE QUÉAU, 1998; MAFFESOLI, 2003): sincretismos religiosos ou filosóficos, maneiras de se vestir, de se alimentar e técnicas do corpo. Tudo isto é da ordem de

⁶ Cit. do alemão – fundamento primevo (N. da T.).

⁷ Cit. do latim – redução ao um (N. da T.).

⁸ Cit. do latim – quer queira quer não (N. da T.).

uma ONTOGÊNESE. Talvez seja o “Mais-que-um” que está em jogo, talvez o retorno da “eterna criança” homosocial, talvez a acentuação da importância do presente.

Desde então, a soberania do *cogito* não se coloca mais em cena, donde as conseqüências sociológicas que não deixa de suscitar, a saber: o deslizamento do *indivíduo*, dispondo de identidade estável e exercendo uma função nas uniões contratuais, para a *pessoa*, representando seus papéis nas tribos contemporâneas. Eis aí a participação mágica como algo de pré-individual, ou ainda o fato de que não existimos senão em um inconsciente coletivo.

Da mesma maneira ocorre com o sujeito ativo, assim como com o cidadão, ator voluntário de um contrato social racionalmente regulado. O universalismo do Sujeito e da Razão, avatares de um Deus-Pai transcendental, dá lugar às razões e afetos locais, particulares, de situação. Em suma, não é mais a vertical do cérebro quem prevalece, mas o despertar da pessoa em sua integridade. O que nos remonta a um “pensamento do ventre”, um pensamento que saiba encarregar-se dos sentidos, das paixões e das emoções comuns, dos afetos: cultura do sentimento!

Existe, nessa perspectiva, um fundo arquetípico de alegrias, prazeres e dores que se enraíza na natureza (natureza natural, natureza humana, natureza social). A “alma da savana” (JUNG), que o pensamento judaico-cristão e, depois, o burguesismo não conseguiram anular por completo, ressoa novamente. Ela retoma força e vigor nas selvas de pedra que constituem nossas cidades, mas também nas clareiras das florestas, quando, de uma maneira paroxista, as tribos *techno*, nas suas “raves”, pisoteiam, em êxtase, essa lama da qual todos nós somos feitos. Alcançamos, aqui, o coração da transformação pós-moderna: a identificação primária, primordial e nativa, que, no *homem*, aproxima-se do *húmus*.

Acontece que essa influência do sensível, do húmus e do corpo é corrente em numerosas culturas. E isto nos permite dizer que o milênio inaugurado sob nossos olhos não será tão catastrófico quanto alguns o predizem, conquanto ele marque, infalivelmente, o fim de uma época: aquela mesma caracterizada por um mundo organizado a partir do primado do indivíduo racional e patriarcal. Indivíduo, saliente, capaz de ser senhor de sua história e, portanto, de fazer, com outros indivíduos dispondo da mesma característica, a História do mundo. Diferentemente, o retorno em força do destino, do qual somos tributários, é correlativo àquele da comunidade.

Destino comunitário, comunidades de destino, aí reside a “garra” das “identificações” homossexuais. Isto não deixa de provocar medo, porque estávamos habituados à mecânica da sociedade, tal como ela se tinha colocado desde o início dos tempos modernos. É esse medo que

suscita o catastrofismo circulante e que vê, na *feminização*, o retorno da barbárie. Mas, por um lado, a barbárie sempre coincidiu com a ocasião de regenerar um corpo social frouxo e enlanguescido, após um longo período de endogamia. E, por outro, em que um *ideal comunitário* seria mais nocivo que o ideal societário? Pode-se, em todo caso, constatar que vivemos a ocasião propícia para o calor humano. A proxemia conforta os afetos... e a horizontalidade fraternal.

Bons espíritos se dedicaram a mostrar a importância do “ideal comunitário”. Ele revive em nossos dias. E mais do que negar ou diabolizar tal renascença, talvez seja mais válido acompanhá-la em seus diversos sobressaltos. Renascimento de “comunidades espirituais” (Gabriel TARDE), pode-se mesmo falar, com Gaston Bachelard, de “narcisismo cósmico” todas as vezes que alguma coisa exceda em muito os indivíduos que a integram. Que alguma coisa repouse sobre o contágio e a inflação do sentimento. Que alguma coisa integre, a partir de um enraizamento específico, uma religação cósmica. Indo de encontro ao universalismo abstrato, próprio às filosofias modernas, o tribalismo coloca em jogo um processo complexo, feito de participações mágicas, de interações múltiplas, de concordância entre as pessoas e as coisas. É este fervilhamento que faz a época tão cativante!

Com efeito, assim como aconselha Leibniz, bem de acordo com seu espírito, convém “não desprezar quase nada”. Sobretudo essas circunstâncias nascentes que, para além dos preconceitos, dos pensamentos paranóicos e outros simplismos morais, engendram nossas sociedades. Faz-se necessário, sempre nesse mesmo espírito não judicioso e não normativo, voltar às coisas mesmas. Sábio adágio fenomenológico (*zu den Sachen selbst*)⁹ que permite compreender a lógica interna de um fenômeno, sua essência íntima. É bem isso que convém no que concerne à homossocialidade pós-moderna.

Sua complexidade, seu aspecto complicado precisa de uma complicação aproximativa: um pensamento “gradual”, “progressivo”. Daí a necessidade de pensar, de uma maneira orgânica, as sedimentações sucessivas constituindo a socialidade, a saber: o sentimento de pertença, a emergência da rede horizontal, a simbiose afetiva e os processos de contaminação que suscita. Aí reside a natureza de sua ordem ou sua razão interna.

Quando há mudança de paradigma é preciso saber, paradoxalmente, cavar profundo e se prender à superfície das coisas. Nisto consiste o *pensamento radical*: descobrir as raízes para melhor apreciar o crescimento por elas permitido.

⁹ Cit. do alemão – Ir em direção aos próprios fatos (N. da T.).

São as “coisas” elas mesmas que nos ensinam o que elas são. E, amiúde, pensá-las convenientemente demanda que se seja capaz de fazer exatamente o contrário dos pensamentos resignados. O que não se realiza sem dano. Abandonar, no alto mar, a tranqüila certeza das teorias estáveis é sempre penoso. E mesmo escavar, a fim de procurar as raízes e regressar à fonte, requer um esforço. Trata-se, contudo, do esforço de um pensamento que possibilita, sem julgamentos *a priori*, sem espírito preconceituoso, enxergar, nas “leis da imitação”, no *deslizamento da identidade forte às identificações frágeis*, uma outra maneira de viver a relação com a alteridade. Enfim, para além de uma esquizofrenia judaico-cristã, de essência patriarcal, é a integridade do ser que está em questão na noção de homossexualidade.

Referências

CASALEGNO, F. *Les Cybersocialités*, CEAQ-Paris 5, junho 2000.

LE QUÉAU, P. *La tentation budique*. Paris: Desclée de Brouwer, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *La violence totalitaire*. Paris: Desclée de Brouwer, 1999.

_____. *L'ombre de Dionysos: contribution à une sociologie de l'orgie*. Paris: Le Livre de Poche, 1991.

_____. *Du nomadisme: vagabondages initiatiques*. Paris : Le Livre de Poche, 1997

_____. *Le temps des tribus : le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse*. Paris : La Table Ronde, 2000.

_____. *L'instant éternel: le retour du tragique dans les sociétés postmodernes* . Paris: La Table Ronde. 2003.

SUN, Chaoying e DURAND, Gilbert. “De l'autre côté de la montagne de l'est”. In : SIGANOS, A. e VIERNE, S. Ellug. (Dir.). *Montagnes imaginaires*. Grenoble, 2000.

PESSIN, A. “Le montagne des géants de la route”. In : SIGANOS, A. e VIERNE, S. Ellug. (Dir.). *Montagnes imaginaires*. Grenoble, 2000.

TACUSSEL, P. *Le jeux des passions*. Paris: Desclée de Brouwer, 2000.